



# A Santa Sé

---

SOLENNIDADE DE CRISTO REI

*HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II*

*Domingo, 25 de Novembro de 1979*

1. Hoje a Basílica de São Pedro ecoa com a liturgia de uma insólita solenidade. No calendário litúrgico pós-conciliar ligou-se a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo com o último domingo do ano eclesialístico. E está bem assim. De facto a verdade da fé que queremos manifestar e o mistério que queremos viver encerram, em certo sentido, cada dimensão da história, cada etapa do tempo humano, e abrem, ao mesmo tempo, a perspectiva de um novo céu e de uma nova terra (*Apoc.* 21, 1), a perspectiva de um reino que não é deste mundo (*Jo.* 18, 36). É possível que se entenda erradamente o significado das palavras sobre o «Reino» pronunciadas por Cristo diante de Pilatos — ou seja: sobre o reino que não é deste mundo. Todavia o contexto singular do acontecimento, em cujo âmbito elas foram pronunciadas, não permite compreendê-las assim. Devemos admitir que o Reino de Cristo, graças ao qual se abrem diante do homem as perspectivas extraterrestres, as perspectivas da eternidade, forma-se no mundo e no tempo. Portanto, forma-se no próprio homem através do testemunho da verdade (*Ibid.* 18, 37). que Cristo deu naquele momento dramático da sua Missão messiânica: perante Pilatos, perante a morte na cruz, pedida ao juiz pelos seus acusadores. Portanto, a nossa atenção deve incidir não apenas sobre o momento litúrgico da solenidade de hoje, mas também sobre a surpreendente síntese de verdade que esta solenidade exprime e proclama. Por isso me permiti, com o Cardeal Vigário de Roma, convidar hoje os membros dos vários sectores do apostolado dos leigos de todas as paróquias da nossa Cidade — isto é, todos os que, com o Bispo de Roma e com os pastores de almas de cada paróquia, aceitam fazer próprio o testemunho de Cristo Rei e procuram abrir lugar ao Seu Reino nos seus corações e difundi-lo entre os homens.

2. Jesus Cristo é «a Testemunha fiel» (Cfr. *Apoc.* 1, 5), como afirma o Autor do Apocalipse. É «a Testemunha fiel» do domínio de Deus na criação e, sobretudo, na história do homem. De facto Deus, como criador e, ao mesmo tempo, como Pai, formou o homem, desde o início. Por isso

está Ele, como Criador e como Pai, sempre presente na sua história. Tornou-se não apenas o Princípio e o Fim de todo o criado, mas também o Senhor da história e o Deus da Aliança: Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, Aquele que é, que era e que há-de vir, o Senhor do Universo (*Apoc. 1, 8*).

Jesus Cristo — «Testemunha fiel» — veio ao mundo precisamente para dar testemunho desta verdade.

A Sua vinda no tempo! — quão concretamente e de modo sugestivo a preanunciaria o profeta Daniel na sua visão messiânica, falando na vinda de um filho de homem (*Dan. 7, 13*) e delineando a dimensão espiritual do Seu reino nestes termos: Foi-Lhe entregue o domínio, a majestade e a realeza, e todos os povos, nações e línguas O serviram. O Seu domínio é domínio eterno, que não passará jamais, e a Sua realeza não será destruída (*Ibid. 7, 14*). É assim que o profeta Daniel, provavelmente no século VI, viu o reino de Cristo antes de Ele ter vindo ao mundo.

3. Aquilo que se passou diante de Pilatos na sexta-feira antes da Páscoa permite-nos expurgar a imagem profética de Daniel de qualquer associação imprópria. De facto o «Filho do homem» mesmo responde à pergunta que lhe fez o governador romano. Esta resposta manifesta-se deste modo: O Meu Reino não é deste mundo. Se o Meu Reino fosse deste mundo, os Meus guardas lutariam, para que eu não fosse entregue aos Judeus. Mas, de facto, o Meu Reino não é aqui (*Jo. 18, 36*).

Pilatos, representante do poder exercido em nome da poderosa Roma sobre o território da Palestina, homem que pensa segundo as categorias temporais e políticas, não entende tal resposta. Por isso pergunta pela segunda vez: Logo, Tu és Rei? (*Ibid. 18, 37*).

Também Cristo responde pela segunda vez. Como na primeira explicou em que sentido não era rei, assim agora, para responder totalmente à pergunta de Pilatos e, ao mesmo tempo, à pergunta de toda a história da humanidade, de todos os soberanos e de todos os políticos, responde assim: Sou Rei. Se nasci, se vim a este mundo, foi para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a Minha voz (*Cfr. ibid.*).

Esta resposta, em ligação com a primeira, exprime toda a verdade sobre o Seu reino; toda a verdade sobre Cristo Rei.

4. Nesta verdade se encerram, igualmente, as ulteriores palavras do Apocalipse, com as quais o Discípulo amado completa, de certo modo e à luz do colóquio que teve lugar Sexta-feira Santa na residência de Pilatos em Jerusalém, o que, em tempos, tinha escrito o profeta Daniel. São João anota: Ei-1'O que vem entre as nuvens (assim se exprimira já Daniel). Todos o verão com os seus próprios olhos, até aqueles que O transpassaram ... Sim. Ámen! (*Apoc. 1, 7*).

Precisamente: *Ámen*. Esta única palavra autêntica, por assim dizer, a verdade sobre Cristo Rei. Ele não é apenas «a Testemunha fiel», mas também o Primogénito dos mortos (*Ibid.* 1, 5). E se é o Soberano da terra e daqueles que a governam — o Soberano dos reis da terra (*Ibid.*) — é-o por isto, sobretudo por isto, e definitivamente por isto: porque nos ama e, pelo Seu Sangue, nos libertou do pecado e fez de nós um Reino de sacerdotes para o Seu Deus e Seu Pai (*Ibid.* 1, 5-6).

5. Eis a plena definição desse reino, eis toda a verdade sobre Cristo Rei. Viemos hoje a esta Basílica para aceitar esta verdade uma vez mais, com os olhos da fé inteiramente abertos e com o coração pronto a dar a resposta. Pois esta é verdade que exige, de modo particular, uma resposta. Não apenas a compreensão. Não apenas a aceitação por parte da inteligência, mas resposta que nasça de toda a vida.

Essa resposta foi pronunciada, de modo excelente, pelo Episcopado da Igreja contemporânea, no Concílio Vaticano II. Viria até, neste momento, a vontade de lançar mão desses textos da Constituição «*Lumen Gentium*», que deslumbram com a simples profundidade da verdade, dos textos cheios da plenitude da «praxis» cristã contidos na Constituição pastoral «*Gaudium et Spes*», e de tantos outros documentos que dos fundamentais tiram as conclusões concretas para os vários campos da vida eclesial. Penso, em particular, no decreto «*Apostolicam actuositatem*» sobre o apostolado dos Leigos. Se peço alguma coisa aos Leigos de Roma e do mundo, é que tenham sempre presentes estes excelentes documentos do ensino da Igreja contemporânea. Definem o sentido mais profundo do que é ser cristão. Estes documentos merecem bem mais do que ser estudados e meditados; se não se procura apoio neles, é quase impossível compreender e realizar a nossa vocação e, especialmente, a vocação dos leigos, o seu contributo particular para a construção daquele Reino que, embora não sendo deste mundo (*Jo.* 18, 36), existe todavia aqui, porque está em nós. E, em particular, está em Vós, leigos!

6. Cristo foi elevado na cruz como um Rei singular: como a eterna Testemunha da verdade. Se nasci, se vim a este mundo, foi para dar testemunho da verdade (*Ibid.* 18, 37). Este testemunho é a medida das nossas obras. A medida da vida. A verdade por que Cristo deu a vida — e que confirmou com a ressurreição — é o princípio fundamental da dignidade do homem. O reino de Cristo manifesta-se, como ensina o Concílio, na «realidade» do homem. É necessário que, a esta luz, nós saibamos participar em todas as esferas da vida contemporânea e saibamos formá-la. Nos nossos tempos não faltam, de facto, propostas dirigidas ao homem, não faltam programas que se apregoa fomentarem o seu bem. Saibamos relê-los à luz da plena verdade sobre o homem, da verdade confirmada com as palavras e com a cruz de Cristo! Saibamos discerni-los bem! Concorde aquilo que declaram com a medida da verdadeira dignidade do homem? A liberdade que proclamam favorece a realidade do ser criado à imagem de Deus ou, pelo contrário, prepara a privação ou restrição dela? Por exemplo: servirão a verdadeira liberdade do homem ou exprimirão a sua dignidade, a infidelidade conjugal, mesmo que sancionada pelo divórcio, ou a inconsciência da responsabilidade pela vida concebida, embora a técnica moderna ensine como desembaraçar-se dela? Com certeza, nenhum permissivismo moral se baseia na dignidade do

homem, nem educa o homem para ela.

Como não lembrar aqui o diagnóstico que, na vossa assembleia do passado dia 10 de Novembro, fez o Senhor Cardeal Vigário sobre o contexto sócio-religioso da nossa Cidade? Indicou os principais «sofrimentos» que angustiam a cidade de Roma: a insegurança social das famílias no que se refere à casa, ao trabalho e à educação dos filhos; o desnorteamento espiritual e social dos imigrados vindos das zonas rurais; a incomunicabilidade entre as famílias que vivem nos grandes condomínios populares sem se conhecerem e sem coragem de se tornarem solidárias; a delinquência organizada, particularmente ao serviço da droga; a violência alienante e sem motivo e o terrorismo político, a que se juntam as múltiplas manifestações de imoralidade e irreligiosidade na vida pessoal e social.

Destes males apontam-se as causas, além do mais, no decrescimento de interesse pelos problemas da educação e da escola entregue cada vez mais nas mãos de forças minoritárias, mas fortemente perturbadoras; e na desagregação da família, submetida à acção corrosiva de múltiplos factores ambientais e de costumes. A raiz mais profunda, porém, deve procurar-se, como disse o Senhor Cardeal, «no constante desprezo da pessoa humana, da sua dignidade, dos seus direitos e deveres» e do sentido religioso e moral da vida. O Cardeal Vigário solicitou ainda de todos vós urna corajosa aceitação de responsabilidades, propondo-vos algumas «perspectivas concretas de compromisso», entre elas: a construção de uma verdadeira comunidade cristã, capaz de anunciar, de modo crível, o Evangelho; o compromisso cultural de procura e de discernimento crítico, em constante fidelidade ao Magistério, em ordem a um diálogo concreto entre a Igreja e o mundo; o compromisso de contribuir para o incremento do sentido da responsabilidade social, estimulando no clero e nos fiéis a solidariedade pelo bem comum quer da Comunidade eclesial quer da civil; o compromisso, enfim, na pastoral vocacional, particularmente urgente hoje em dia, e na das comunicações sociais.

Eis diante de vós, irmãs e irmãos caríssimos, algumas linhas exactas de acção pastoral, sobre as quais cada um de vós é convidado a medir-se, numa adesão coerente e corajosa às exigências postas pelo Baptismo e pelo Crisma e confirmadas pela participação na Eucaristia. Peço a todos e a cada um que se não demita em face das próprias responsabilidades. Peço-o na solenidade litúrgica de Cristo Rei.

Cristo, num certo sentido, está sempre diante do tribunal das consciências humanas, como se encontrou uma vez diante do tribunal de Pilatos. Ele revela-nos sempre a verdade do seu reino. E sempre se enfrenta com a pergunta, vinda de muitos lados: Que é a verdade?(*Ibid.* 18, 38).

Por isso, esteja Ele ainda mais perto de nós. Esteja o seu reino cada vez mais em nós. Retribuamos-Lhe com o amor a que nos chamou — e n'Ele amemos cada vez mais a dignidade de cada homem!

Seremos então verdadeiros participantes da Sua missão. Tornar-nos-emos apóstolos do Seu reino.

© Copyright 1979 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana